

# O CANTO DO ACADEMICO

Semanario academico-litterario

**ASSIGNATURA**

Braga: mez 100 rs.; trimestre, 300 rs.  
Provincias: trim., 330 rs.

Pagamento adiantado

Publica-se ás segundas-feiras

Braga, 22 de Maio de 1893

**REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO**

Rua de Santa Margarida  
N.º 66

Aos nossos assignantes

**Pedimos desculpa aos nossos assignantes pela irregularidade que houve na publicação do nosso jornal, causada pelo pouco tempo de que na imprensa se pôde dispor, em virtude de ter sido quinta-feira dia sanctificado. E asseguramos a todos que em nada ficarão prejudicados com isso.**

## MÃE!

A minha mãe

Mãe! Nome sublime que a brisa soluçante repetidas vezes pronuncia, que se entôa como o rebombo do trovão, por todo o universo, e que as aves em seus gorgeios exprimem!

Mãe! Nome que os anjos fazem ecoar, dedilhando as suas harpas; nome que o poeta sublimado canta em sua lyra!

Mãe! Ente que o filho continuamente beija, como o sol que, despontando ao romper da aurora, beija com seus raios as purpurnas folhas da flôr mimosa!

Mãe! Ente que o filho mais ama, mais idolatra e mais adora! E' a Divindade do filho, na terra; guia luminosa no seu sorridente porvir!

A mãe é qual facho que illumina a estrada ao viandante, ao peregrino:—illumina o espirito de seu filho, segue seus lentos passos, livra-o dos abysmos, dos precipicios.

E quereis vêr? Olhae:

Vêde a mendiga que coberta de andrajos implora, para não perecer, a caridade, estreitando em seus braços o pequenino or-

phão, acompanhando-o na senda lacrimosa da vida, nos vais-vens da sorte:—é sua mãe!

Vêde aquella outra que acalenta o mancebo que ia despeñar-se no Insondavel; é sua mãe!

Vêde, além, uma que sobe as escadas do patibulo offerecendo o pescoço ao cutello, para livrar um mancebo inexperiente; elle um innocente, ella sua mãe!...

—Bem dita sejas tu, pois, oh minha mãe, pomba immaculada, anjo casto e puro que me deparaste no mundo, não só para conhecer os infortunios da sorte, mas tambem para sentir o amor d'uma mãe carinhosa como tu!

Por isso bem dita sejas tu oh minha mãe!

C. Braga.

## AMO-TE!

Eu amo o lyrio, eu amo  
O perfume da rosa;  
Amo o ninho do ramo  
E o vôo da mariposa.

—Mas ainda amo mais  
D'esse teu rosto as rosas  
E as curvas musicaes  
D'essas formas airozas!

Eu amo a luz suave  
Das estrellas celestes;  
Amo o gorgeio da ave  
Nos olmedos agrestes.

—Mas, mais do que ás auroras,  
Amo a luz d'esse olhar  
E as inflexões sonoras  
Do teu doce cantar!

Eu amo a neve vinda  
Das regiões do polo.  
—Mas amo mais ainda  
A neve do teu collo...

Mais do que aos raios d'oiro  
Do sol e até da lua,  
—Amo o cabelo loiro  
Que aureola a fronte tua!

Eu amo a mãe que, ao seio,  
Beija o filho innocente;  
—Mas ainda mais anceo  
Um beijo teu ardente!...

Amo o favo, a ambrosia  
Que ao prazer nos provoca...  
—Porém mais amaria  
O mel da tua bocca!...

Eu, que sempre lamento  
A sorte do suicida  
Que por enforcamento  
Põe termo á dura vida...

—Libertando a alma escrava  
D'estes corporeos laços,  
Quasi que até amava  
Enforcar-me em teus braços!...

M. Gonçalves Cerejeira

## NO CAMAROTE

Quando te vejo á noite no theatro  
Com um olhar febril inebriante  
Dizer a todas—«eu sou o retrato  
D'um sonho dos quinze annos deslumbrante»—...

Ah! então sinto, aqui dentro do peito,  
Bater-me o coração muito apressado,  
E dizer-me o ciume arrebatado  
Que não heide abraçar-te no teu leito...

Mas tu olhas pr'a mim tão meigamente,  
Brincando-te um sorrir puro, innocente,  
Nos teus labios formosos, de coral,

Qu'eu logo sinto em mim uma esperanza,  
Que me dá o teu sorriso de bonança.  
—E' um teu beijo d'oiro virginal—!

M. Oliveira.

## Groticos

Ha dias pedi-te um beijo,  
encantadora creança,  
e tu coraste de pejo  
por tamanha confiança.

Só depois que experimentaste  
os gosos enebriantes,  
mais de mil vez's me rogaste  
os beijos febricitantes.

Paixão Bastos.

PEQUENOS CONTOS

IV

O Ideal d'Alfredo

Não vae ha muitos annos que eu tinha um amigo, muito amigo. Em todas as manhãs de Julho e Agosto iam os ambos, sósinhos sentarmo'-nos n'uma collina bordada de trigaes floridos para d'alli presenciarmos um espectáculo grandioso: o raiar da aurora, offuscando a estrella da manhã, o nascer do Sol.

Alli, pensando e amando muito, divagavamos sobre diversos assumptos. Assumptos, indifferentes á maior parte dos homens e principalmente das almas da nossa idade, mas que a nós nos maravilhavam e interessavam seriamente.

Elle fallava-me da felicidade e alegria que gosavam os lavradores e pastores, que andavam lá em baixo no formoso e grande valle sobre que poisava a collina em que nos sentavamos; dizia-me como era humilde aquella gente, como era santa aquella gente...

E eu, extasiado na grandeza e sublimidade do Sol que agora principiava a rasgar o azul, fazia com que as nossas duas almas se evolassem até Deus e lhe rendessem o preito que em nossas faculdades cabia.

Como eram bellas aquellas manhãs todas de Poesia e Amor!...

\* \* \*

Houve uma manhã que nos lembramos, não sei porque, de fallar de mulheres e do amor que os homens lhes tributam. E diz-me elle, o meu querido Alfredo de quem tenho tantas saudades:

—O' Augusto melhor fôra entreter-nos, contemplando estas bellezas e lendo o nosso Garrett (era quem aquelle dia nos acompanhava) do que fallarmos de mulheres e amor, coisa tão redicula e falsa em nossos dias que deve ennojar os amantes da belleza, da pureza e da bondade.

—Pois sim, meu bom amigo, accudo eu. Mas, entre tanta mulher inutil, redicula, vaidosa, não haverá uma que corresponda ao teu amor e satisfaça o teu ideal?

—Talvez não, responde elle. E, senão compara a mulher como eu a idealiso, como eu a queria, como eu a amo, com a mulher que vês passear nos jardins, dançar nos bailes, frequentar os theatros lá n'esses montões de vicio e crime, chamados cidades e onde nós vivemos a maior parte do tempo.

—Oh n'esses montões de vicio e crime ha ainda dispersas muitas perolas! Redargui eu. Portanto não será tão excepcional, tão puro

o teu Ideal que não encontres quem t'o comprehenda. Dize-m'o, mostra-me como tu idealisas e amarias a mulher.

E assim fallou elle, cortando uma florinha tão branca como a sua alma:

—Eu concebo a mulher matematicamente. Queria-a expressa na seguinte egualdade:

Mulher = Amôr. Uma mulher que amasse o labutar d'esta vida, os pobresinhos que mendigam, os desgraçados que choram, uma mulher que só amasse, eis o meu Ideal.

Era assim o seu Ideal. Como não sei d'elle já ha bastante tempo, não sei se o encontrou nem senão.

Braga, Maio, 93.

Augusto Candido.

Mãe do ceo

Virgem Mãe do mesmo Deus!  
Virgem filha de teu filho!  
Não ha estrella de mais brilho  
N'esses ceos!

D'olhar fito n'esse olhar,  
D'olhos fitos n'esses olhos,  
Não ha baixos, não ha escolhos  
N'este mar!

Vem a onda, sobrevem  
Nova onda; e nada tem  
Quem te vê guiando o leme,  
Virgem Mãe!

Tu guardaste em gôso e dor  
Sempre n'alma a paz d'um templo!  
Foste em vida o nosso exemplo.  
Mãe de Amor!

Navegando, mas de pé,  
N'este mar cavado embora,  
You na barea salvadora,  
Que é a Fé.

Não me assusta a multidão  
De inimigos que me aggride;  
Contra a «Torre de David».  
Tudo é vão!

Por feroz que esteja o mar  
De repente forma um lago:  
Basta um só reflexo vago  
D'esse olhar.

Esse olhar é quem a mim  
Me encaminha e me socorre.  
O meu norte é só a «Torre  
De Marfim».

Meu pharol! refugio meu:  
Sol que dia e noite brilha!  
Mãe de Deus, e de Deus filha!  
Mãe do ceo!

João de Deus.

PERFILISANDO

**Raul Moreira.**—Sempre de capa e batina, excepto os dias em que passeia no jardim e forceja por ver não sei a quem, sempre amavel, com aquelle seu semblante ingenuo e bondoso, eis o que é Raul Moreira.

Um verdadeiro academico.

Demais, não sei quem com elle rivalise em distincto porte e cuidadosa applicação.

Se alli está algum litterato, que tal nome mereça, ou algum general, não sabemos. O que sabemos é que está alli um bom rapaz, um bom amigo que nós nos orgulhamos e todos se devem orgulhar de possuir.

**João Sarmiento.**—Quem olhar para elle, distingue immediatamente atravez do seu aspecto robusto e saudavel, ares, vinho e presunto de Traz-os-Montes. Alto e corpulento dava um bello dragão de Chaves, em cujos formosos e verdejantes arrabaldes se creou.

Entre os seus condiscipulos é muito estimado, principalmente entre os de latim. E isto, não só porque a todos faz rir com os seus modos provincianos e o seu latim da baixa, mas tambem, porque é um bellissimo coração e um bom estudante.

Eurico de Cartéa.

La bella Geraldine

(EM FRENTE DO SEU RETRATO)

«A bella Geraldine!» Sim  
A bella Geraldine: a flôr  
Cuja essencia é marfim  
Genio, encantos, amor!...

Concedem-te duas corôas.  
Do trapezio e da formosura  
Bem alto rainha se proclamam!  
Mas és mais, linda creatura!...

E' bem nescio!... muito nescio!...  
Quem n'essa fronte não divisa  
O teu mais bello diadema!...  
O amor que teu ser divinisa!...

Lá, proximo d'esse lugar  
Onde teus cabellos mettes,  
Quando em anjo te convertes  
Sobre teu trapezio a dançar.

Ha uma coisa que se mostra,  
A' luz do teu divino olhar,  
Tão pura doce e candida  
Como da meiga Lua o luar!...

Mas é de tão fino quilate  
Que inda não pudeste encontrar  
(Me parece) um lugar, um peito  
Onde a pudesses guardar!...

E isto estando em ti a trasbordar!...  
Porque onde ha genio ha amor.  
Grande genio é o teu condão!  
Logo o teu destino é amar!...

Quando amarás tu, Geraldine! ?  
Oh! N'este bello Portugal ama!...  
Ama já... tres vezes rainha!!!  
Aqui... em terra Lusitana!



AMOR E AMBIÇÃO

Era no mez d'Abril, por uma d'essas manhãs em que o rei dos astros, aurifulgente, dardejando os primeiros raios por sobre a terra, ruborisa os pincaros das montanhas, reverbera nos zimbórios dos magnificos palacios e não se peja de entrar pelas frestas do triste albergue, chamando á realidade a miseria que dentro se debate nos ultimos paroxismos d'uma felicidade ficticia, que juncto á corrente do rio T... caminhava um joven operario, ora cabisbaixo, ora alegre e completamente indifferente ao murmurar continuo da lympha crystallina que a seu lado deslisava. Que pensamento opprimiria aquelle joven coração?... O amor constante e a ambição humana...

O amor! sim, porque elle amára pela primeira vez uma bella aldeã, não com um amor voluvel e irrisorio, mas, sim, com um d'esses amores cujo termo somente existe no tumulo. O amor! sim, porque a deidade dos seus sonhos n'uma noite em que a lua, astro de prata e as estrellas, myriades de diamantes, pareciam contemplal-os e envolvel-os como uma aureola celeste, lhe dissera; amo-te!... e só a ti pertencerei.. O amor! sim, por lhe parecer ouvir as doces phrasas, de que só dois amantes sabem servir-se, e em que juravam um ao outro unir-se para terem uma felicidade duradoira e invejavel... Oh! como se anda abstrahido quando pela primeira vez se sente o que é amar e como nos parece impossivel e inadmissivel que sejamos o ludibrio do objecto amado, d'esse ente que tornando-se-nos indispensavel nos arrebatava pensamento, coração e vida!...

O joven operario, agora alegre pensava no amor que lhe germiava no coração, mas depressa como se uma grande dôr o suplantasse, tornou-se taciturno...

E' que pela mente lhe passava esta chama de fogo: ambição humana!...

Ambição humana! sim, porque aquella que out'ora dissera amal-o, acabava de unir-se para sempre a outrem, não pelos impulsos do coração, mas por um punhado de riquezas terrenas!... Ambição humana! sim, porque ella que soubera captar-lhe o coração o ludibriou, esqueceu e desprezou, não attendendo ao esphacelo continuo em que este ia abrindo o caminho da sepultura onde em breve repousaria em um somno infindo e sem lhe merecer um olhar d'amor ou antes de compaixão... Como odiava a ambição humana que lhe roubára a felicidade e os

devaneios outr'ora tão desejados e attrahentes!...

Comtudo ella continuava sendo o anjo dos seus sonhos, ainda que causa unica do seu passamento ao tumulo!... Eis o amor constante a par com a ambição insaciavel...

Como és bello e eu te adoro amor constante e puro!!!...

Como és torpe e eu te detesto ambição humana!!!

Bragança, 11—5—93.

J. B. da Silva.

CONFISSÃO INEGMATICA

(A' genial actriz Angela Pinto)

Noite sem Lua, noite escura e má...  
Visão sangrenta, horrivel e medonha  
me persegue!

Não desanimar! mãos á obra, vá...  
Tu deliras assim... como quem sonha...  
Coragem! pois ninguém de ti tem dô,  
Deixa voar, deixa, um foguete só,  
mas que pegue

Como desliza além pelo infinito!  
como elle inda scintilla! que brilhante!  
Que fulgor, que fulgo estonteante  
capaz de enlouquecer um Agapito.

Voou. Anda a pairar n'essas alturas...  
explodiu e fez nuvens de pó!  
E era um foguete, era um foguete só,  
O foguete praxista do Mesuras.

Ainda se ouve ao longe a reboada,  
tremendo como a luz d'uma candéa,  
alegre como o canto da sereia  
risonha como a face do Taxada.

Noite escura e má, noite sem estrellas  
que dão ás bellas magico fervor!  
E tudo trevas, tudo escuridão...  
e o meu coração geme por amor.

Será grande o esmeraldio oceano,  
gelido arcano de batalhas feras;  
será formosa a grande natureza  
toda de b'lleza e cheia de chimeras;

mais formosos porém são os teus olhos  
duros escolhhos que me enleiam tanto  
e grande é este amor desconhecido  
que morrerá esquecido ahi p'ra um canto.

Morrerá sim... comigo ha-de morrer!  
e não o has-de saber pois não querida?...  
Deixa chorar o pobre desgraçado  
que já curvado pede um termo á vida.

Se ao menos eu tivesse uma cartolla!...  
se por esmola tu pegasses n'ella!...  
viveria mais, muito mais então  
co' esta paixão que entranhaste ó bella.

Quem fez.  
—dizei?  
—Alguem.  
—Mas quem?  
—Não sei.  
—stá bem.

Braga, 13—5—93.

J. P. Lameira.

Á noite

No jardim de Luiza, as arvores debruçadas sobre as aguas do rio, arremecam sombras phantasticas que se estendem ao largo.

A aragem murmura, o rouxinol vibra, juncto ao ninho, cantigas melodiosas

Sobre o rio desliza compassado um pequeno barco, em que vêem dois jovens todas as noites, á mesma hora, ouvir cantar o rouxinol, que espera por elles, e ver Luiza com uma sua prima que tambem os esperava.

A barca passa e pára nas escadas que sobem ao jardim.

Os dois vão sentar-se á beira d'um lago que as arvores encobrem. Depois soltam dos bandolins notas harmoniosas, ao som das quaes se abre uma janella.

Um, corre para a que se abriu e o outro para a que, segundo o costume, vae abrir-se.

Pára diante d'ella e vê uma carta. Abre-a, lê-a á custo e solta um lancinante gemido.

Que conteria ella? O casamento da sua inliel amada!

E enquanto ella, deitada entre perfumados incensos, goza o passo mais feliz da sua vida o maneco, pallido, parece desfallecer pouco a pouco, dizendo ainda entre so-luços:

«Peito! meu peito, porque anceias tanto?  
pranto! meu pranto, basta já não mais!  
é sina, é sina! remador, voltemos;  
não n'a accordemos... para que meus ais...»

Ponte de Lima, 10—maio—93.

A Mocidade

(No album de A. Granjo)

Um dia veio de cima lá d'um astro formando a nossa vida de estudante sempre alegre ruidosa e triumphante uma perola d'ouro e d'alabastro.

Caída d'uma estrella lá dos céos essa perola angelica celeste de uma estrella seraphica que vestenas alturas a tunica de Deus.

Ella veio surgindo como a aurora, sorridente, e chamou-se a mocidade. Ha de deixar em nós uma saudade ao partir essa vida que se adora.

Vida olympica feita d'alvoradas e c'roada de petalas divinas dadas do céo por doces messalinas e p'los anjos em nectar orvallhadas.

E' pois cantar em quanto brilha e gira o sol resplandecente d'essa vida que acidenta e dá terna guardida aos nossos corações, á nossa lyra.

Braga, 17—12—92.

Joaquim Mattos.

IDYLLIOS

A noite é formosa e bella,  
o luar assetinado.  
Um pertinaz namorado  
debaixo d'uma janella,

implorava a sua Estrella,  
fervoroso apaixonado,  
p'ra estar mais conchegado.  
Então a casta donzella,

volvendo um olhar ao céu,  
disse ao languido Romeo  
co'um sorriso prasenteire:

—Se tu só vens co'o desejo  
de me pedires um beijo,  
não t'o dou por ser's matreiro.

Paixão Bastos.

GOPLAS DE MANUELA

I

Murmura a torrente  
o rouxinol canta  
e só tu descrente  
choras magua tanta.

Vês aquella estrella  
a fugir do céu?...  
assim Manuela  
teu amor fugiu.

Olha os cegadores  
como alegres vão  
mostrando as flores  
que trazem na mão.

Mulher desditosa  
ninguem pensa em ti!...  
ai, geme saudosa  
e morre p'ra ahí.

II

Vae pallida a lua,  
vae frio o luar;  
porem a alma tua  
mais fria ha de estar.

Fugiu-te a esperança  
que o martyrio cresta...  
oh! morre creança,  
já nada te resta.

Futuros risonhos  
que te endoudeceram  
eram meros sonhos  
que já esqueceram

Mulher desditosa  
ninguem pensa em ti!...  
ai, geme saudosa  
e morre p'ra ahí.

Braga, 13—5—93.

J. P. Lameira.

A RIR

Entre marialvas:

Que bonito fato trazes hoje, ami-  
go Arthur! E que bem feito! es-  
tás um verdadeiro elegante, pala-  
vra de honra!

—Ah! tenho um alfaiate impa-  
gavel, meu caro Ernesto!

—Impagavel!! exclamou este ul-  
timo, que era um grande caloteiro.  
Onde mora? como se chama?...

\*

Uma formosa rapariga entra em  
uma loja de modas, e pergunta o  
preço de um veludo.

—Custa cada metro... um bei-  
jo, respondeu o dono do estabele-  
cimento, que era galanteador.

—Muito bem; levarei vinte me-  
tros, replicou desembaraçadamen-  
te a rapariga. Quem paga é minha  
avô.

\*

Um soldado, postado de sen-  
tinella á porta de um museu, rece-  
be ordem para não deixar entrar  
pessoa alguma, sem que deixe a  
bengala depositada na casa, para  
tal fim destinada

Apparece um visitante com as  
mãos nas algibeiras. O soldado  
embargá-lhe o passo, e diz-lhe com  
arreganho:

—Tenha a bondade de ir dei-  
xar a bengala na casa ao lado.

—A bengala!... bem vê que  
não a trago... exclamou admira-  
do o visitante.

—Não quero saber d'isso...  
retorqui o soldado. Vá buscar  
uma. Não posso deixar de cumprir  
as ordens que recebi.

\*

Depois das eleições. Um politico  
de grande influencia, lendo um jor-  
nal, exclama:

—O que! pois elegeram F.! uma  
cavalgadura! Em vista d'isto tam-  
bem eu me podia ter proposto.

—>>> <<<<

Foram decifradores do lologripho  
publicado no numero 9 os senhores:  
A. P. e Antonio Manoel Villares.

Das charadas: os senhores Joaquim  
da Silveira Malheiro, A. P. e Antonio  
Manoel Villares.

Foram decifradores do enygma pu-  
blicado no n.º 10, os snrs. Antonio  
Manoel Villares, A. P. Cruz Teixeira  
e Paixão Bastos.

Dos enygmas apenas o snr. A P.

Decifrações do nume-  
ro anterior

do enygma

Ramalho Ortigão—Emydio Navarro  
—João Chagas.

Dos enygmas

Bisca—Sobremeza

Decifrações do n.º 9

Do logogripho

Mostarda

Das charadas mathematicas

Braga—Sardenha

Das charadas novissimas

Caligula—Caçador ou Matador—Ja-  
vali—Cabra-céga—Chimpanzé—Mar-  
cha Baleares.

—>>> <<<<

LOGOGRIPHO

(Ao meu amigo José E. Teixeira)

Na botanica—9—2—3—11.  
Este fructo—4—7—10—7.  
E' animal—1—2—6—3—11.  
Na chimica—9—8—5—10—5.  
E divertimento—8—11—6—9.  
Faz mal—7—4—2—5.

Um conceito te vou dar  
Na zoologia o podes achar.

Premio: 2 volumes da Bblioteca  
Economia.

Bragança—4—5—93.

Grão de Bico.

—>>> <<<<

Charadas mathematicas

(Offerecidas ao eximio charadista)

JOSÉ D'ALVIM

Na poesia—r+l=appellido—2.  
Este verbo—s+v=verbo—1.  
Este animal—r+p=ave—2.  
Esta arvore—c+p=nome proprio  
—2.

A. B.

—>>> <<<<

Charadas novissimas

(Offerecidas ao eximio charadista)

DIODORO BAHIA

Nome proprio, nome proprio é ne-  
me proprio—2—2.

Este vegetal, corre e é passaro—2  
—2.

Não é lá, este instrumento no Ly-  
ceu—1—1.

Este pronome, este titulo, no mar—  
1—2.

Este appellido, esta ave usa-se—1  
—2.

BRAGA

Imprensa do Collegio de S. Luiz  
O editor responsavel  
Manoel Antonio de Paiva